

## NA SEGUNDA METADE DOS ANOS QUARENTA

Lembro-me de três factos, apesar de

«não te podes recordar»

ouvir acerca de fugaz instante: na casa velha, que era dos Vieiras, a porta da rua dava para uma sala, sentado numa cadeira de bunho, manta sobre as pernas o meu avô paterno.

Sei do inexacto passo e

estendi as mãos para o manso cobertor sobre os seus joelhos. O calor de uma voz do fundo da casa pertence ao delírio sonâmbulo da raiz de quem tem dois anos vida.

Fugaz instante: sobre a secretária das contas da farmácia a minha mãe e a tia Alice separam talheres, o brilho das facas, o grito sem jeito do metal quando uma cai sobre as outras.

Entrei no mundo com esse fulgor

de assustar a vida — as facas

cruzavam em azar — despertava admirados cheiros

linhaça, mostarda, álcool, iodo, éter

dentro das tulas e dos frascos; o do mercúrio (mónadas do veloz deus sob o qual nasci, da pedra de mármore das pomadas se perdiam), o grande

frasco das sanguessugas (prendiam-se às minhas mãos  
como ao meu corpo no túmulo).

Fugaz instante: dentro da gaveta dos papéis, manhã e tarde  
abriam-se portas inesperadas, rasgado berço  
e na rua o grito do Feliz, o cauteleiro «Ela chegou a Sorte  
Grande, Ela chegou»  
dilacerante felicidade, sem nome sem razão  
onde poisar em noite de muita chuva.

## NAQUELA CASA METIA MUITO MEDO VIVER

Metia medo dormir naquele quarto  
as camas foram verdes e depois azul  
a luz durava até às dez da noite e acendiam  
o candeeiro de petróleo, uma vela

a rua, lá em baixo, calçada a pedra branca de calcário  
todo o inverno de lama  
abria as portadas e ficava descalço sobre a laje  
fria, as mãos muito agarradas aos ferros da varanda

a chuva caía com força sobre o meu corpo e o pijama,  
trapo listrado encharcado que depressa despia  
de medo e frio; com os pés  
empurrava o lençol para o fundo da cama, o cobertor

de papa aquecia muito. Na varanda, no escuro da rua  
queria ver por detrás do espelho da vida  
pesadíssimos passos imploravam  
último copo de vinho. Vidro grosso, facetado, que se fazia  
aos dedos.

As rodas das carroças vinham pela manhã  
a mulher da hortaliça, leiteiro, a Aurora  
padeira (no forno ia a assar o cabrito em dia de anos  
do meu pai) subia as escadas de serviço, papo-seco, pão  
salioio.

Pai,  
quem viveu nessa casa além de nós?  
Depois do fim, coroadado com a flor do medronheiro  
vagueia ao redor.

## SOBRE OS ANOS CINQUENTA

A rua começava junto ao prédio do banco (as unhas roídas do caixa, contava as notas que lhe levava em tempo de férias, quase sempre enganava-se, molhava os dedos numa esponja, recomaçava; acabei por ser amigo de quatro dos seus filhos, bem mais novos, ao tempo largo da Consolação) do outro lado, a taberna da D. Beatriz (desculpa Manuel as tabernas não são exclusivo da Ribeira de Santarém) tirava de dentro de um balde mergulhado no poço a laranjada que eu bebia em dia de muito verão

a rua terminava na maior loja da vila o grande balcão da mercearia, era sábado ao fim da tarde as senhoras iam com as criadas, e queriam muito o senhor Américo mestre de guilhotina no corte do bacalhau (em silêncio mudavam o lugar dos retratos; ao parente da casa, o mais bonito, vestido à colonial, davam lugar de honra no tampo da cómoda, sobre o naperon caía fugidia lágrima. No regresso seguiam a senhora com o carregio das compras para toda a semana. Em desejo levavam

a imagem daquele que morrera há muitos anos, não sabiam que iam ao sepulcro buscar incêndio por toda uma noite. Do outro lado a rua fechava num andar baixo largas escadas em pedra, de oitocentos (apagado que foi por uma borracha, na vila mudam os prédios como a criada trocava os retratos pela calada)



acima da rua  
uma espécie de país estrangeiro, chegava lá em dia de feira, ou  
manhã, quando iam ao peixe  
metia na boca as pedras de sal com sabor a sardinha fresca,  
  
esse passado é quase tão alheio que mal cabe no limite da vida.

